



O diálogo

Luizza Milczanowski

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

1.

TUDO COMEÇA por um longo silêncio e, após o silêncio, há um diálogo comprido comprido, que se estende no ar, bate nas paredes e torna o ambiente abafado.

O hálito dos seus lábios.

Ela sabe que primeiro vem o silêncio e depois o diálogo comprido. O que é dito termina aqui; o diálogo, não. O diálogo é maior do que o diálogo. O diálogo é um sem fim.

Primeiro: o silêncio. E depois um diálogo que se estende. Suspende.

Talvez tivesse de ser assim ou nunca teria sido. Antes desse encontro, já havia o encontro. Muitas vezes imaginado, triturado na mente e depois reconstituído.

Há vozes entre dois silêncios.

Esse diálogo não termina quando os lábios se fecham e o som de vozes silencia.

O ar é pesado e bafeja.

As janelas estão fechadas.

A pele de um é quente; a do outro é gélida e se arrepia com as palavras que ainda flutuam no ar após o silêncio.

A D
b E J M

Suor, suspiro. O diálogo continua naquilo que não é dito. Um responde ao outro no calar dos lábios, no dizer dos olhos. Dentro de si ainda falam, mas não têm força alguma para dizer.

É mais ou menos assim. Nebuloso, quente,

Dos teus lábios saem cascos
Dos teus lábios sai mormaço
Dos teus lábios — esqueci
Dos teus lábios sai neblina.

No final, essa conversa não existe, faz parte de si. Seu interlocutor está morto. Está morto. Toda a dimensão do não dito ficou selada em sua morte. Tudo o que não disse não tem mais opção de dizer. Com sua morte, morre o segredo. Com sua morte, nasce a voz que agora a permite dizer. Seu segredo — que pertencia a dois e agora pertence somente a si —, se dito, traria muita violência.

A verdade de sua vida doeria. Doeria e traria violência voltada contra si. Ia cutucar muitas feridas de muitas gentes.

Agora, com essa morte, está preparada para fazer doer e para essa violência. Sabe que precisa ser dito. Quer dizer há tanto tempo, mas sabe que o que tem a dizer é destruição. Haverá muita dor e raiva; será o anticristo, a desordem, a vergonha e o ódio. Será dizer adeus a todos que, com suas verdades escancaradas, a odiarão. Aprendeu a guardar a vida — sua

verdade — em si. O material é denso e incômodo. É insuportável. É ferida de ferir gente. Todos querem que ela não diga.

Mas essa morte é um sinal para que diga. Suas memórias de escarro, de sangue, de nódoas.

O que é essa morte?

É o fim de um diálogo impossível. Vinte e um anos. Vinte e um anos ensaia um diálogo interrompido por essa morte — um diálogo que, à espera ao longo de vinte e um anos, nunca ocorrerá.

Nunca haverá esse diálogo e é dessa perda que precisa para ter forças para abrir feridas e criar seu próprio diálogo com o passado, com a dor, com as memórias. Não tem ninguém para cuidar de si.

Não tem ninguém que possa lhe fazer companhia e impedir que ela se mate agora. É isto que diz à médica: não me interne, porque não posso deixar de trabalhar, mesmo que isso me mate, porque não trato essa doença que tanto mata e que me dizem que tenho. Mesmo que talvez eu morra, mesmo assim. Meu plano talvez não cubra uma internação.

A porta grande e pesada é aberta por um segurança. Na porta, não há maçaneta, apenas um trinco pesado quase na altura do chão. Tudo branco cor de hospital. O atendente a olha quando ela finge não ver, perguntando-se o que faz aqui uma doida sem cara de doida. Afinal, qual será a doideira dessa doida.

Acompanhada de um enfermeiro, uma moça de macacão e sapatos de hospital, emborrachados e brancos — as meias também brancas —, passa. O cabelo é curto e grudado no

rosto, molhado ou oleoso. Seu rosto é marcado, jovem e apático. Os olhos são vazios.

É liberada do hospital com a receita de um remédio para dormir e a recomendação de que procure um médico, uma terapia, um medicamento.

Foi ao hospital porque não podia dormir.

Está sentada, teclando. Seus dias são um teclar constante. Sua mão dói. tec. tec. tec. Faz todo dia o que é de todo dia. Todo dia a mesma coisa. Todo dia tecla, tecla, tecla. E sua dor na mão não se resolve, pois tecla todo dia e não tem tempo para tratá-la com um fisioterapeuta. Custa tempo e dinheiro. Custa vontade e ânimo para falar com alguém que não está realmente ouvindo. Exige um esforço enorme falar com alguém. Ansiedade enorme, seu peito dói, o corpo treme em descompasso. É difícil dizer. É fácil teclar.

Mas, nesse dia, não. Olha para a tela do computador. Olha para os seus dedos, para o teclado e não sabe o que fazer. Esquece a todo momento o que acabou de fazer. Precisa parar e pensar, e já não sabe mais o que deve ser feito. Não sabe o que acabou de fazer, o que faz ou o que deve fazer. Olha em volta para verificar se alguém percebe que há algo de muito errado consigo, que hoje não pode fazer aquilo que sempre faz.

Ninguém nota. A repartição se movimenta. Ela está parada. Não se consegue mover ou continuar o que, sabe-se lá, estivesse fazendo. Seus olhos se enchem d'água. Seus olhos são desespero por aquele desamparo, pelo esquecimento. Não sabe o que fazer de si.

Os sons ficam suspensos e há apenas um zunido alto que invade seus ouvidos e é, ao mesmo tempo, distante. A janela da sua mesa está com a persiana fechada e não sabe se é dia ou noite, mas desconfia de que seja noite. Os olhos ardem, a visão se turva, mas não pode chorar.

Levanta-se e vai até o banheiro. Olha-se no espelho: essa sou eu. A visão é terrível. Ao se ver, sobe o pranto. Sabe que chora. As lágrimas descem convulsionadas, urgentes. Por um instante, faz o possível para estancá-las. Mas, logo depois, sabe que elas têm de vir. Esse choro é choro necessário e não deve evitá-lo. Não chega a pensar no que dirá se alguém aparecer no banheiro, mas parte de si deseja que alguém apareça. Sim, quase deseja ser vista — que a vissem, que viessem todos os olhares e sussurros e que ela fosse liberada. Pode dizer que não está se sentindo bem, que precisa ir embora. Contudo, se todos a vissem chorar — o rosto desfigurado pelo inchaço, pela vermelhidão —, então não precisaria dizer nada.

Não diz. Ninguém a vê. Ao terminar de chorar e olhar para o próprio reflexo por minutos intermináveis, volta para sua mesa. Ninguém percebe sua ausência e, quando uma funcionária nova vem pedir uma orientação, responde da melhor maneira possível. Leva o dia sem ser notada. É após o expediente que resolve ir ao médico e é no médico que nada pode ser feito — que ela pode apenas levar a receita de um indutor de sono.

Esse diálogo impossível, interrompido por essa morte. A casa vazia. A casa de um estranho que é sua casa. Não sabe se

vai ao enterro. Talvez vá; talvez não. É impossível ver morto o homem que há vinte e um anos não vê e é a última oportunidade de olhar para aquilo que ele foi. É a última vez que o verá, se o vir. E não sabe como ele vai estar, o que essas duas décadas fizeram dele. Afinal, o que duas décadas fizeram de si própria? Olha no fundo de seus trinta e sete anos. São anos pesados, enormes. Cada ano é enorme. Como ele a veria se pudesse ver? Sabe que ele não pode. Ele não terá mais nada a ver ou a dizer. Se ela o vir, verá algo cujo lapso é de vinte e um anos. Vinte e um. É uma vida dentro de uma vida. Uma vida em que ambos estiveram mortos um para o outro, entre uma vida em que estiveram vivos e uma vida em que um deles está morto.

Vinte e um anos. Terá envelhecido. O que será feito de si após sua morte? Não poderá ouvir mais sua voz ou tocar sua pele quente ou ver seus olhos ou seu sorriso. Estará tudo selado — só um corpo frio, vazio, esquecido. O que restará em sua memória: a figura de vinte anos antes ou o vislumbre sem vida no caixão? Não sabe se reconheceria o que visse. Seria uma desconhecida entre seus filhos, sua esposa, o resto dos amigos e parentes. Não sabe se seria reconhecida. E, se fosse, a expulsariam, saberiam? Talvez somente a olhassem.

Mas, se em vinte e um anos, não o quis ver. Não quis ou não pôde? Não sabe. Sua figura congelada ainda de vinte e um anos atrás e, do outro lado, a figura de sua infância. Tem medo do encontro e, por outro lado, há o anseio daquele diálogo ensaiado tantas vezes, daquele diálogo maior que a si própria, maior que a própria vida que não pôde existir. O

que foi especulado naquele diálogo maior que o diálogo em si nunca ocorrerá. O diálogo é suspenso sem nunca ter existido. Nunca mais o veria e nunca mais perguntaria *o que foi feito de mim ao longo desses anos? O que você fez comigo?*

Ele ainda se lembraria dela? Se pudesse vê-la naquele cemitério, se, por trás dos seus olhos mortos, pudesse vê-la, ele ainda lembraria?

Ainda se lembra do que fez de mim, o que fez comigo? Por que eu? Teria sido qualquer uma?

Gostaria de ouvir uma explicação que nunca viria, que se torna insuportável de imaginar, que nunca será real. A imagem do que soa real — de que ela não significou nada para ele — é intolerável e a afasta.

Tudo desaparece por um momento e ela é apenas uma figura encolhida na casa vazia. Ele está morto. Sente-se como: feliz, triste? Essa morte soa irreal. Essa morte de Leonardo C. Não existe mais Leonardo C. Ela não pode imaginar sua imagem de homem morto porque não sabe sua imagem de homem vivo. Sua figura é uma figura congelada de vinte e um anos antes. Eu deveria me sentir feliz, pensa. Ele está morto — acabou. O segredo morreu com Leonardo C. Toda a verdade que poderia ter sido dita a ela, todas as respostas para suas perguntas se calaram na boca de Leonardo C. Não há mais possibilidade de tornar real todo o diálogo comprido. O diálogo será sempre o diálogo criado por ela. Isso é bom. Nunca haveria o diálogo da realidade que romperia com suas invenções. É o fim de todo o medo, de todas as expectativas,

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2020.
